Carta aos Romanos

Mês da Bíblia 2025

Movimento Boa Nova

Carta aos Romanos: estudo dirigido

"A esperança não decepciona"
(Rm 5,5)

Mês da Bíblia 2025

movimento BOA NOVA

Dom Cavati - 2025

Ficha Técnica:
Autoria e diagramação: Denilson Mariano.
Revisão: Denilson Mariano e Mons. Raul Motta.
Imagens: Fano - Reprodução.
Selo Mês da Bíblia: José Antônio Pinheiro Filho.
Capa: Mês da Bíblia 2025 / CNBB.
Impressão: Gráfica PROMOVE - BH.
ISBN: 978-65-01-46285-1

Siglas utilizadas:
Rm – Carta aos Romanos.
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
DV - Constituição Dogmática Dei Verbum.
GE – Exortação Apostólica do Papa Francisco *Gaudete et Exultate.* (Alegrai-vos e exultai), 2018.
SNC – Spes non Confundit - Carta Jubileu 2025.

Referências:
BEKER, J. *Apóstolo Paulo:* vida, obra e teologia. São Paulo: Academia Cristã, 2007.
PERROT, C. *La Carta a los Romanos*. Espanha: Estella, 1989.
SAB. *Mês da Bíblia 2025: Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 2025.
VENÂNCIO. M. A. *Mês da Bíblia 2025: Carta aos Romanos*. Brasília: CNBB, 2025.
VILLASANZ, B. *La identidad de Jesús de Nazaret según la carta de San Pablo a los Romanos*. Japão: Fukuoka University Review.

mobon
movimento
BOA NOVA

Rua Santa Maria, 346 - Serapião II
Dom Cavati - MG
Fone: (33) 3357-1348
WhatsApp (31) 99310-7930
Visite nossso site: www.mobon.org.br

Apresentação

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Com grande alegria e fé renovada, apresento a vocês este subsídio preparado para o Mês da Bíblia de 2025, um tempo precioso em que somos convidados a aprofundar nosso amor e nossa escuta da Palavra de Deus. Neste ano, nos deixamos iluminar por um importante escrito do Novo Testamento pertencente ao conjunto das Cartas Paulinas: a Carta aos Romanos, guiados pelo versículo-tema: *"A esperança não decepciona"* (Rm 5,5).

Esta reflexão chega até nós de maneira ainda mais tocante, marcada pelo retorno à Casa do Pai do querido Papa Francisco. Como verdadeiro discípulo de Jesus e sucessor de Pedro, ele encarnou com simplicidade, coragem e ternura o espírito do apóstolo Paulo. Francisco nos deixa o testemunho de uma Igreja em saída, que confia na força do Evangelho e caminha ao encontro de todos, especialmente dos mais pobres e esquecidos.

Cheios de esperança, acolhemos com alegria e oração o cardeal Robert Francis Prevost, agora nosso querido Papa Leão XIV. Confiamos que seu ministério, inspirado por suas primeiras palavras como sucessor de Pedro, conduza a Igreja por caminhos sinodais, mais próxima dos que sofrem e atenta à escuta do Espírito.

É com esse espírito que somos convidados a mergulhar na Carta aos Romanos. Um texto escrito para uma comunidade diversa, que enfrentava desafios muito semelhantes aos nossos: conflitos, incompreensões, desinformações e até perseguições. Paulo, com sabedoria e firmeza, nos lembra que o Evangelho é a verdadeira força de Deus para a salvação de todos. E é essa esperança, enraizada na fé, que queremos renovar em nossas comunidades neste tempo de Jubileu.

Os cinco encontros propostos neste livreto não são apenas momentos de estudo. São oportunidades de conversão pessoal e comunitária, de redescobrir a beleza da fé que professamos e da missão que recebemos. Somos chamados a ser, como dizia Papa Francisco, *"peregrinos da esperança"*, discípulos e discípulas que não se envergonham do Evangelho, mas o vivem com alegria e ousadia.

Que este mês da Bíblia nos ajude a escutar mais profundamente a voz de Deus que nos fala nas Escrituras, a discernir com sabedoria os sinais dos tempos e a viver com maior coerência e amor nossa fé cristã. Que a Palavra de Deus seja luz para os nossos passos e inspiração para nossas ações, em um mundo tão sedento de verdade, justiça e paz.

Com minha bênção fraterna,

† *Dom Juarez Delorto Secco*

Bispo Diocesano de Caratinga-MG.
Em 8 de maio de 2025,
dia da escolha do Papa Leão XIV.

Introdução:

Começamos essas linhas no dia da partida do Papa Francisco à casa do Pai (21/04/2025). Ele, como bispo de Roma, com seu testemunho de amor, acolhida, misericórdia, proximidade com os pobres se faz verdadeiro discípulo de Jesus e teve consigo o ardor missionário de Paulo. Francisco nos deixa em meio ao Jubileu por ele convocado com o lema paulino: "a esperança não decepciona" (Rm 5,5).

Com este espírito queremos vivenciar este mês dedicado à Palavra de Deus. Papa Francisco nos lembrava que a devoção à Palavra de Deus "não é apenas uma dentre muitas devoções, uma coisa bela, mas facultativa. Pertence ao coração e à própria identidade da vida cristã. A Palavra tem, em si mesma, a força para transformar a vida" (GE, nº 156). O mês da Bíblia é um tempo forte de evangelização. Por meio da Palavra voltamos às raízes de nossa fé cristã. Ela é a alma de toda a vida da Igreja (cf. DV 24).

As cartas paulinas não são propriamente Tratados de Teologia; são escritos destinados a responder a situações concretas, dirigidas a comunidades diferentes, em situações variadas, sempre destacando a pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Em geral, as Cartas têm um estilo pessoal, curto e direto, mas não é assim com a Carta aos Romanos.

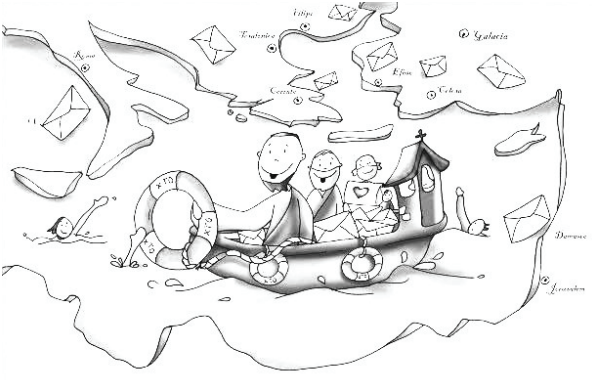
Ela foi escrita com a ajuda do secretário Tércio (Rm 16,22), é maior que o Evangelho de Marcos e traz temas mais doutrinários, que servem para qualquer comunidade. É um texto de grande importância: Santo Agostinho muda de vida depois da leitura dessa carta e a partir dela, Lutero inicia a Reforma.

A Carta aos Romanos tem sua autoria ainda discutida por parte dos estudiosos, como sendo escrita por um discípulo de Paulo (entre 56 e 60 d.C.). Os que defendem a autoria direta de Paulo a datam entre 55 e 58 d.C. Mas, o conteúdo da carta mantém os traços característicos do pensamento paulino.

Paulo não fundou nem conhecia a comunidade cristã de Roma e pouco se sabe sobre o nascimento dela. Talvez tenha sido formada por cristãos vindos da Palestina e da Síria (At 2,9-11). No ano 49, o imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus e, possivelmente, os cristãos. O casal judeu-cristão Priscila e Áquila foi vítima dessa expulsão e foi para Corinto. Talvez, por meio deles (At 18,2), Paulo teve notícias dessa comunidade e lhe veio o desejo de visitar os cristãos de Roma e, de lá, ir à Espanha.

Dentro do Ano do Jubileu 2025, nosso estudo do mês da Bíblia está distribuído em cinco encontros, que procuram explicitar os principais eixos desta Carta aos Romanos, na perspectiva da esperança. Este estudo quer nos confirmar como "peregrinos de esperança" que ousam viver e anunciar o Evangelho como Boa Nova de Jesus à humanidade.

1º Encontro:
Não me envergonho do Evangelho



Chave de Leitura: Romanos 1,8-17.

1. Como Paulo vê a comunidade dos romanos?
2. Qual é o seu desejo em relação à comunidade?
3. Como Paulo compreende o Evangelho?
4. O que significa hoje não se envergonhar do Evangelho?

O autor da Carta tem consciência de transmitir e defender o Evangelho, que é a força salvadora de Deus agindo no mundo por pura gratuidade. O Evangelho é a força do amor que envolve a todos: judeus e gregos; é a Boa Nova de Deus para a salvação de todos (Rm 1,16-17). O título "Servo de

Cristo Jesus" confirma o trabalho missionário de Paulo como um apostolado gratuito, recebido de Deus, a fim de conduzir à obediência da fé (= ouvir a Deus), no seguimento livre à pessoa de Jesus. Crer não é simplesmente aderir a uma doutrina, mas dar o coração (cor + dare = crédere = crer). Quem crê dá ouvidos, faz-se obediente a Deus (Rm 6,17; 10,16; 15,18; 16,19.26).

A Carta é dirigida aos que abraçaram a fé, em Roma, como "amados de Deus" e chamados a "ser santos" (Rm 1,7). Não se sabe exatamente como a Boa Nova chegou a Roma, grande centro administrativo, militar, político e religioso do mundo ocidental. Roma era a "Grande Cidade" que reinava sobre todos os reinos da terra (Ap 17,18). Contava, na época, com 1 milhão de habitantes, com numerosa colônia de judeus (cerca de 40 mil membros em 11 sinagogas). Aproximadamente 10 anos depois da ressurreição de Jesus, já havia em Roma uma comunidade de cristãos. Neste início, judeus e cristãos se confundiam naquela grande cidade.

Os cristãos se reuniam nas casas, como na de Áquila e Priscila (Rm 16,3-5), de Aristóbulo e Narciso (Rm 16,10-11), de Hermas e de Olímpas (Rm 16,14-15). Os trabalhos nas comunidades eram distribuídos entre homens e mulheres. A Carta fala da diaconisa Febe (Rm 16,1), da apóstola Júnia (Rm 16,6), de Maria (Rm 16,6), de Júlia e da irmã de Nereu (Rm 16,15). E não se sabe quando os con-

vertidos do paganismo, os gentios, foram aceitos na comunidade ao lado dos judeus convertidos.

No entanto, há tensões entre os convertidos (judeus × gregos), quando alguns espalham fofocas a respeito de Paulo e de seu trabalho junto aos pagãos (Rm 16,17-18). Acusavam Paulo de revogar a Lei de Moisés e menosprezar a observância dos costumes judaicos. Isso será um dos motivos para a escrita desta Carta aos Romanos. Ela visava corrigir as falsas interpretações sobre os ensinamentos de Paulo. A comunidade de Roma enfrenta várias dificuldades em relação ao Império Romano: há perseguições à comunidade dos cristãos de Roma, como a de Nero (66–67 d.C.), e a perseguição de Domiciano (95–96 d.C.) fez surgir a reflexão que lemos no livro do Apocalipse.

Há várias hipóteses a respeito da finalidade da Carta: Paulo tinha a intenção de ir a Jerusalém levando a coleta aos pobres (Rm 15,25-26) e desejava passar por Roma (At 19,21) como um ponto estratégico para a missão; ou Paulo necessitava ser acolhido pelos romanos para fortalecer a comunhão entre gentios e judeus, evitando uma ruptura (Rm 12–14); ou Paulo teria sua viagem missionária à Espanha favorecida pelos cristãos de Roma; e ainda, para ressaltar o sentido universal da redenção em Jesus Cristo. No entanto, o conjunto da Carta aos Romanos não apresenta um tom polêmico nem apologético como outras cartas; nesta, reina um

tom mais sereno e tranquilo, diferente da Carta aos Gálatas e da Segunda aos Coríntios.

Ao afirmar: "não me envergonho do Evangelho" (Rm 1,16), o autor quer fazer o Evangelho chegar a todos. Não é uma simples mensagem, mas uma Palavra eficaz de salvação. Por meio de Cristo, esta salvação é oferecida a todo aquele que crê: judeu ou grego, sábios e ignorantes (Rm 1,14). Aí se manifestará a justiça de Deus, na acolhida da Boa Nova de Jesus (o Evangelho). "O justo viverá pela fé" (Rm 1,17; Hab 2,4). A vivência da fé implica a prática da justiça em todos os campos: na vida pessoal, familiar, comunitária e social.

A Carta deixa transparecer a dificuldade de ser cristão naquela grande cidade. Além das perseguições, havia uma **mentalidade perversa** que tornava as pessoas cegas e surdas, vivendo de acordo com seus instintos egoístas, que sufocavam a verdade com a injustiça (Rm 1,18-20). Pessoas que desonravam seu próprio corpo e trocavam a verdade pela mentira (Rm 1,21-25); pessoas cheias de injustiça, perversidade, malícia, inveja, homicídios, fraudes, malvadezas, sem lealdade e prontas para difamar, caluniar, pessoas rebeldes e sem coração (Rm 1,28-31).

Isso, hoje, nos remete a uma realidade social chamada de **"desvio cognitivo".** É quando a nossa mente interpreta ou entende algo de maneira errada ou distorcida, mesmo sem a gente perceber. Isso

acontece por causa de nossas emoções, crenças pessoais, falta de informação ou até por influência do que vemos nas redes digitais. Por exemplo: imagina que alguém não respondeu à sua mensagem. Você pode pensar: "Ela não gosta mais de mim." Mas, na verdade, a pessoa só estava sem internet. Esse pensamento errado é um tipo de desvio cognitivo — você interpretou a situação de forma negativa, sem saber toda a verdade.

O desvio cognitivo pode apresentar várias consequências para a sociedade hoje: **a) Fake news e desinformação:** muitas pessoas acreditam em notícias falsas porque seus pensamentos já estão inclinados a confiar em certas ideias, sem checar os fatos. **b) Preconceitos e julgamentos rápidos:** julgamos com base em ideias prontas, sem verificar a realidade. **c) Conflitos e polarização:** desvios cognitivos alimentam brigas nas redes sociais e na vida real, porque as pessoas acham que estão sempre certas e não conseguem ouvir o outro lado.

Assim, o caminho apontado na Carta aos Romanos permanece atual para nós hoje: não há por que se envergonhar, pois o Evangelho é a força de Deus para a salvação de todos (Rm 1,16-17).

APROFUNDAMENTO: **Você já tinha ouvido falar de "desvio cognitivo? Que sinais desse desvio temos visto em nossas comunidades? Dê exemplos.**

2º Encontro:

Estou firme na fé em Jesus

Chave de Leitura: Romanos 3,21-31.

1. Como se manifesta a justiça de Deus?
2. Como se dá a justificação?
3. Como Deus justifica judeus e pagãos?
4. O que esse texto diz para a caminhada de nossas comunidades, hoje?

A Carta aponta que **a humanidade é pecadora** (Rm 3,9-20), e isto vale para os judeus e para os pagãos diante da Lei. Os judeus sentiam-se superiores por terem recebido a Lei. A Carta deixa claro que ter a Lei, ou o conhecimento dela, não garante a salvação. Ninguém escapa do juízo de Deus, e cada um será julgado por suas obras (Rm 2,3.6). De volta à velha polêmica: o que salva, a fé ou as obras? A

Carta aos Romanos deixa claro que as obras não alcançam a justificação. A **salvação é um dom gratuito de Deus**, que só se pode alcançar pela fé. Mas isso não significa abandonar ou desprezar as obras.

Firmar-se em Jesus será o caminho a ser seguido por judeus e gregos para conservar a salvação que Deus nos oferece. Eis alguns eixos apresentados na Carta aos Romanos: **a) A justiça de Deus** indica uma nova maneira de viver, de agir como justos, pela fé em Jesus (Rm 3,21-31); **b) Abraão é o exemplo:** pela fé em Deus, ele soube esperar contra toda esperança, tornando-se, assim, um modelo de pessoa justa (Rm 4,1-25); **c) A nossa esperança** está em viver e morrer como Cristo, assim, ressuscitaremos com Ele (Rm 5,1 – 6,11).

A Carta aos Romanos revela a situação de pecado na qual vivem tanto os pagãos (Rm 1,18-32) quanto os judeus (Rm 2,1 – 3,8). Nenhum deles podia pretender alguma superioridade em relação ao outro. Para denunciar essa situação, o autor da Carta acena para uma série de inversões, nas quais os circuncisos (judeus) se mostram como incircuncisos (pagãos), e vice-versa. Tudo isso por causa do divórcio entre "fé e vida": a distância entre o parecer e o ser, entre o dizer e o fazer. O verdadeiro judeu não é o que parece ser, mas o que age conforme a vontade de Deus. Assim, há pagãos (incircuncisos) que, mesmo não parecendo fiéis à Lei, fazem o que a Lei pede e podem ser contados como circuncisos.

Em resumo, “todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,22-23). Todos são como Adão: foram criados para a glória, mas dela destituídos pelo pecado (Gn 2,25). Porém, os que creem são justificados, gratuitamente, por Deus, em virtude da libertação que se realizou em Jesus Cristo (Rm 3,24). Deus deseja que todos se salvem.

Ao afirmar que todos pecaram, a Carta nos remete ao que hoje podemos chamar de **“pecado estrutural”**. É quando o mal, a injustiça ou o pecado não estão apenas nas atitudes de uma pessoa individual, mas estão dentro de sistemas, leis, costumes ou estruturas da sociedade. Ou seja, é algo que está “organizado” de forma errada e que prejudica muita gente, especialmente os mais fracos e pobres. Não é só uma pessoa sendo injusta — é uma estrutura inteira funcionando de forma injusta e todo mundo acaba participando, mesmo sem perceber.

Toda casa tem colunas, ou esteios, nem sempre aparecem mas estão ali, fazem parte da estrutura da casa. O pecado estrutural nem sempre é visto, mas está ali, na estrutura da socidade. Há várias situações que revelam esse “pecado estrutural”: **a) Racismo estrutural:** quando pessoas negras têm mais dificuldade de conseguir emprego, estudar ou serem bem tratadas, não por culpa de uma pessoa só, mas por causa de um sistema que as discrimina; **b) Desigualdade social:** quando o sistema econômico favorece os ricos e dificulta a vida dos

pobres, impedindo que todos tenham as mesmas oportunidades; **c) Corrupção que se repete:** quando, em muitos lugares públicos, a corrupção é "naturalizada", como se fosse "normal", parte do sistema; **d) Violência contra mulheres:** quando a cultura machista faz com que mulheres sejam tratadas como inferiores, o que se reflete nas leis, nos salários, nos relacionamentos.

O Evangelho nos chama a lutar não só contra nossos pecados pessoais, mas também contra tudo o que oprime, exclui e mata a dignidade das pessoas. Temos de lutar contra as estruturas injustas e desumanas, contra o "pecado estrutural". Para isso, não bastam atitudes exteriores, urge uma **verdadeira conversão a Jesus Cristo e ao seu projeto**.

A Carta aos Romanos revela que os judeus se fecharam na observância cega da Lei e não reconheciam a gratuidade do amor de Deus (Rm 3,21-31). Ninguém se salva a si mesmo (Rm 9,14-24). Jesus ressuscitado é a maior prova do amor gratuito de Deus. Esse amor é que pode salvar a todos. Quem crê em Jesus encontra a salvação de Deus (Rm 10,10). E quem a encontra deve sinalizar no mundo o jeito de viver de Jesus. Tornar a sociedade mais humana, justa, fraterna, que revela a presença de um Deus cheio de amor e de misericórdia para com todos (Dt 6,4; Gl 3,20).

Na Bíblia, a justiça implica uma adequada relação com Deus, com o próximo e com a Criação.

Por meio da Paixão, Morte e Ressurreição, Cristo "justificou" a humanidade. A iniciativa é de Deus, que espera apenas a acolhida por parte do ser humano. É Deus quem justifica (salva). Cabe ao ser humano abrir-se à graça divina, acolher a Palavra e deixar que ela molde nele (em nós) o jeito de ser e de agir de Jesus.

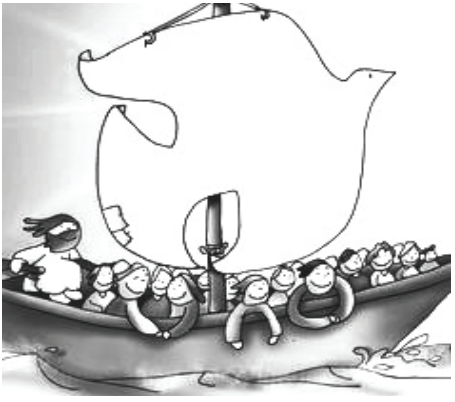
A Carta explicita que as práticas devocionais exteriores (= Lei: circuncisão, o Templo, os sacrifícios sangrentos...) não salvam por si mesmas. Isso ilumina as devoções de hoje: elas têm sentido na medida em que nos apontam para a **fidelidade a Jesus Cristo e ao Seu Evangelho**. Valem na medida em que nos levam ao compromisso com o projeto de justiça e de vida em abundância para todos (Jo 10,10). Sem isso, tornam-se práticas vazias, sob o risco de idolatria (= adoração falsa).

A fé em Cristo, recebida no batismo e cultivada na vivência em comunidade, nos leva a agir como Cristo - Por isso o nome "cristãos". A fé em Jesus Cristo nos leva a um novo modo de ser e de nos relacionar com Deus, com o próximo e com a Criação. Somos chamados a recriar, no hoje de nossa história, o jeito de ser e de conviver de Jesus. Somos chamados a estar a serviço da vida plena para todos (Jo 10,10), vencendo os pecados pessoais e estruturais.

APROFUNDAMENTO: **Que sinais de "pecado estrutural" estão mais presentes em nossas comunidades? Como devemos reagir?**

3º Encontro:

Peregrinos de esperança



Chave de Leitura: Romanos 5,1-11.

1. O que alcançamos pela fé em Jesus Cristo?
2. Por que a esperança não nos decepciona?
3. Qual a prova de que Deus nos ama?
4. Temos sido pessoas de esperança?

"A esperança não decepciona" (Rm 5,5). A Carta aos Romanos reafirma que a nossa esperança está em viver e morrer como Cristo; assim, ressuscitaremos com Ele (Rm 5,1 – 6,11). E viver em Cristo é estar sob o domínio da graça de Deus (Rm 6,12-13). Mediante a fé, adesão livre e consciente a Jesus Cristo e seu projeto, nos encontramos em

paz diante de Deus. Não significa ausência de problemas ou dificuldades a serem vencidas, mas a certeza de que nos abrimos à graça e à misericórdia de Deus, que vem ao nosso encontro. São muitas as palavras importantes que ocupam o capítulo 5 desta Carta: "reconciliação" (Rm 5,11), "pecado" e "graça" (Rm 5,21), "morte" e "vida" (Rm 6,23), "lei" e "amor" (ágape) (Rm 7,25), que se conjugam com "esperança" e "perseverança" (Rm 5,3-5; 8,24-25). Busquemos compreender isso.

A exemplo de Abraão, **somos peregrinos na fé**, na certeza de que Deus nos acompanha, nos mostra o caminho e segue à nossa frente. A Ressurreição de Jesus torna-se a luz que ilumina o caminho e dá firmeza aos nossos passos. Daí vem a esperança que nos anima a partir de dentro, do mais profundo, que nos comunica o Espírito Santo. D'Ele nos vêm a graça, a força e a esperança que nos movem e nos fazem ir adiante, mesmo "contra toda esperança".

Na visão paulina, Deus nos ama incondicionalmente, independentemente da nossa capacidade de responder às exigências da Lei (Torá), desde que haja abertura de coração e desejo sincero de caminhar com o Ressuscitado, pois Ele se sacrificou por nós (Rm 4,25). O batismo nos faz participantes da vida nova em Cristo. **Todos os batizados têm a mesma dignidade e os mesmos direitos.** O batismo nos abre ao Espírito, à

graça de Deus. E, quando há essa abertura, nos tornamos pessoas de esperança. "A **esperança não decepciona**, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,1-2.5), no batismo.

O Papa Francisco nos recorda que "a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz: 'Se, de fato, quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com Ele pela morte de seu Filho, com muito mais razão, uma vez reconciliados, havemos de ser salvos pela sua vida' (Rm 5,10). [...] Com efeito, a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino (Rm 8,35.37-39). Por isso mesmo, esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida." (Carta do Jubileu 2025, nº 3).

Jesus Cristo é a raiz da nossa esperança. Em Cristo somos vencedores. Isso não é ilusão ou sonho paulino. O Papa Francisco bem nos lembra, a esse respeito: "São Paulo é muito realista. Sabe que a vida é feita de alegrias e sofrimentos, que o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades e a esperança parece desmoronar-se diante do sofrimento. E, no entanto, escreve: 'Gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência

a firmeza, e a firmeza a esperança' (Rm 5,3-4). Para o Apóstolo, a tribulação e o sofrimento são as condições típicas de todos aqueles que anunciam o Evangelho em contextos de incompreensão e perseguição (cf. 2Cor 6,3-10)." (Carta do Jubileu 2025, nº 4).

O Papa ainda alerta que a pressa nos leva à perda da paciência, à intolerância, à violência, ao isolamento e que, "na era da internet, onde o espaço e o tempo são suplantados pelo 'aqui e agora', a paciência deixou de ser de casa." E nos convida a "redescobrir a paciência"; ela é fruto do Espírito Santo, que faz bem a nós próprios e aos outros. Afinal, Deus é "o Deus da paciência e da consolação" (Rm 15,5). E conclui: "Aprendamos a pedir muitas vezes a graça da paciência, que é filha da esperança e, ao mesmo tempo, seu suporte." (Carta do Jubileu 2025, nº 4).

Em preparação ao Jubileu 2025, o Papa Francisco nos apontava um caminho de acolhida da graça divina, assim como vivenciada por Jesus: "O que está estabelecido na Lei mosaica é retomado pelo profeta Isaías: 'O Senhor (...) enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos prisioneiros, para proclamar um ano da graça do Senhor' (Is 61,1-2). São palavras que Jesus fez suas no início do seu ministério, declarando em Si mesmo o cumprimento do 'ano favorável da parte do Senhor' (Lc 4,19). Em

todos os cantos da terra, os crentes, especialmente os Pastores, façam-se intérpretes destes pedidos, formando uma só voz que peça corajosamente condições dignas para quem está recluso, respeito pelos direitos humanos e, sobretudo, a abolição da pena de morte, uma medida inadmissível para a fé cristã, que aniquila qualquer esperança de perdão e renovação. A fim de oferecer aos presos um sinal concreto de proximidade, eu mesmo desejo abrir uma Porta Santa numa prisão, para que seja para eles um símbolo que os convide a olhar o futuro com esperança e renovado compromisso de vida." (Carta do Jubileu 2025, nº 10).

Cristo foi um peregrino de esperança; tinha olhar sempre no horizonte, no projeto do Reino. Por isso, não se perdia diante das "tranqueiras do caminho". Por onde passava, semeava a vida, o amor, a paz, a justiça... Como discípulos de Jesus, somos chamados a encarar de frente a realidade ao nosso redor (vencer os desvios cognitivos, a desinformação) e a lutar pela superação de toda forma de pecado (pessoal e estrutural). Com a fé de Jesus e o olhos no horizonte do Reino, nos tornamos **peregrinos de esperança**: buscamos um mundo melhor para todos, ousamos sonhar com a vida em abundância para todos (Jo 10,10).

APROFUNDAMENTO: **O Jubileu que celebramos está nos convertendo em verdadeiros peregrinos/as de esperança? Dê exemplos.**

4º Encontro:

Nada nos separará do amor de Deus

Chave de Leitura: Romanos 8,31-39.

1. O que o texto nos aponta como possíveis causas de separação do amor de Cristo?

2. O que o autor retoma das escrituras?

3. Por que se pode dizer que somos vencedores?

4. Temos experimentado essa certeza de que nada nos separará do amor de Deus?

Pela graça de Deus, o cristão é libertado da lei e do pecado (Rm 7,1-25), e a proposta da Carta à comunidade de Romanos é a **vida nova no Espírito** (Rm 8,1-39). É a vida de quem foi libertado da

Lei pela ação do Espírito Santo. Quem é batizado vive agora segundo o espírito (Rm 8,4) e não mais segundo a carne. Há uma oposição entre espírito e carne. "Carne" significa viver dentro do espírito da mentalidade da época (dominado pelo "pecado estrutural"), com atitudes opostas ao Plano de Deus, na idolatria. **Carne não significa corpo**, mas pecado, violência, exploração, mentira, escravidão.

O Espírito Santo conduz a pessoa batizada a viver no Espírito, de acordo com a vontade de Deus. A vida no espírito é a vida dos que agora são filhos/as de Deus em Jesus Cristo (Rm 8,15). Por meio do batismo, Cristo vive e reina nos que foram batizados. São convidados a adotar o mesmo pensamento, o mesmo modo de viver e agir de Jesus. Passam a ter uma nova relação com Deus e traduzem isso em atitudes práticas, na vida em comunidade, na busca da paz, da fraternidade, da justiça, da solidariedade. **O amor se converte no critério da vida em comunidade**. O cristão se faz vencedor diante de todas as forças violentas do mal, graças a Cristo que nos amou (Rm 8,37).

Em Rm 9,1–11, o autor da Carta trata do relacionamento entre judeus e cristãos. O verdadeiro Israel, os descendentes de Abraão, que herdaram a verdadeira fé, recebem de Deus a misericórdia (Rm 9,14-29). Mas os gentios também recebem essa misericórdia (9,30–10,13). Se Israel não aceitou o Evangelho, não significa que Deus haja rejeitado

Israel (Rm 10,14–11,10). Porém, os gentios são chamados para que Israel desperte e também acolha a salvação (Rm 11,11-15). Israel é a raiz histórica da salvação e os gentios são os frutos que se alimentam dessa raiz (Rm 11,16-36).

Nesta Carta aos Romanos, a Palavra de Deus (AT) é contemplada como aquilo que foi escrito para nossa instrução e para nossa esperança (Rm 4,18; 15,4); ela nos ajuda a perceber a gratuidade de Deus salvando a todos, judeus ou gentios.Há uma tensão entre a ação da graça de Deus e o esforço humano no processo da salvação.

A Carta aos Romanos destaca que, com a graça, o pecado não tem mais poder sobre aquele que é batizado, pois passa a ser guiado pelo Espírito. E, com a vinda de Jesus, a Lei já cumpriu a sua função e já não rege a vida dos filhos e filhas de Deus. Estes se guiam pelo modo de ser e de agir de Jesus Cristo.

Jesus não vem ao mundo para expiar o pecado da humanidade, nem por causa dele; Jesus vem para revelar o amor do Pai e libertar os filhos de toda espécie de mal, de todo o pecado, e atestar que **a vida tem sempre a última palavra**, e que o amor vencerá (Rm 8,18-30). Em Jesus se dá uma nova criação — redimida — e uma nova humanidade (Rm 8,28-30). Deus espera apenas que seu amor seja acolhido, pois Deus é amor. Isso nos foi revelado em Jesus Cristo, e "nada nos poderá separar do amor de Deus" (Rm 8,39).

A vida nova no Espírito nos faz mais fortes que toda forma de mal e pecado: "Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós?" (Rm 8,31). Viver no Espírito é abrir-se à esperança, é "ousar sonhar" um **mundo novo a partir do Evangelho**. Cabe a nós deixar-nos guiar pelo Espírito de Deus (Rm 8,14). O amor de Deus, derramado em nós desde o batismo, nos faz participantes da vida nova em Cristo. Não temos nada a temer: nem as dificuldades, nem as forças do mal, nem as perseguições, nem o martírio. Somos defensores das causas do Reino, que são causas invencíveis: "em todas essas coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou" (Rm 8,37).

E não se trata apenas de ter um bom desejo no coração, mas de termos atitudes que tornem o mundo mais justo, humano, fraterno, ecologicamente sustentável. No convite para a celebração do Jubileu dos 2025 anos da encarnação de Jesus, o Papa Francisco, por meio da carta *Spes non confundit*, convidou as nações mais ricas a reconhecerem a gravidade de muitas decisões tomadas em prejuízo das populações mais pobres.

O Papa pediu o "perdão das dívidas dos países que nunca poderão pagá-las". Francisco acenava que não era apenas uma questão de grandeza espiritual, mas "uma questão de justiça, agravada hoje por uma nova forma de desigualdade de que se vai tomando consciência". Acenava ainda para

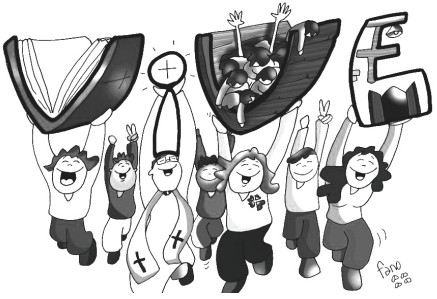
uma "verdadeira 'dívida ecológica', particularmente entre o Norte e o Sul, ligada a desequilíbrios comerciais com consequências no âmbito ecológico e com o uso desproporcionado dos recursos naturais efetuado historicamente por alguns países". Não podemos nos esquecer do seu apelo neste Jubileu: "se queremos verdadeiramente preparar no mundo a senda da paz, empenhemo-nos em remediar as causas remotas das injustiças, reformulemos as dívidas injustas e insolventes, saciemos os famintos" (Carta do Jubileu 2025, nº 16). E não somente nós: toda a criação espera ser libertada da escravidão e da corrupção (Rm 8,21 e CF 2025).

O "**Jubileu há de ser um Ano Santo** caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus. Que nos ajude também a reencontrar a confiança necessária, tanto na Igreja como na sociedade, no relacionamento interpessoal, nas relações internacionais, na promoção da dignidade de cada pessoa e no respeito pela criação." (Carta do Jubileu 2025, nº 25). [Lembremos a importância da CF 2025]. Na plena certeza de que "nada nos separará do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 8,39).

APROFUNDAMENTO: **Quais as dívidas que nós e nossas comunidades temos em relação à prática da justiça e da solidariedade? Dê exemplos.**

5º Encontro:

Somos um em Cristo Jesus



Chave de Leitura: Romanos 12,1-8.

1. Que exortação é feita à comunidade de romanos?

2. O que é recomendado a cada um?

3. A que se compara a comunidade e o que se deseja com isso?

4. Em nossas comunidades os dons são colocados a serviço?

Naquela época, em Roma, a grande capital do Império Romano, os cristãos viviam um contexto de perseguição. Ser cristão era tão arriscado que poderia dar cadeia ou morte. Enfrentar o Império não era apenas enfrentar as autoridades, mas também todo o sistema de vida: a ideologia, a religião nas cidades, as instituições. Como já vimos, era uma cidade dominada por um pecado estrutural e os cristãos não podiam amoldar-se àquela situação.

Os batizados, os membros da comunidade, deviam viver a vida nova em Cristo. **O culto autêntico era colocar a vida a serviço da vida.** Não bastava participar dos atos religiosos, das celebrações... implicava um modo de viver segundo o Espírito. Implicava não ceder às pressões do mundo, não se entregar ao modo pecaminoso daquela sociedade romana: "Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus; o que é bom, o que é agradável a Ele, o que é perfeito" (Rm 12,2).

A Carta indica uma clara interação entre a fé em Jesus Cristo e a dimensão ética do cristão. O discípulo de Jesus Cristo não podia acostumar-se com a injustiça, a opressão, a violência, a exploração... devia transformar-se à luz do Evangelho (Cristo) e buscar a vontade de Deus: o que de fato era bom, agradável e perfeito (Rm 12,2). O agir cristão exigia, e ainda exige, o discernimento da vontade de Deus. Francisco nos deixou um legado sobre o discernimento:

a) Discernir é mais que pensar, é rezar e escutar. Não é só usar a cabeça, mas abrir o coração a Deus, com oração, silêncio e atenção. É escutar a voz de Deus que fala na nossa consciência, na Palavra, na Igreja e até nas situações do dia a dia. "O discernimento é uma graça. Ele não se improvisa, mas exige um verdadeiro exercício da oração, de escuta de si mesmo, dos outros e, sobretudo, do Espírito Santo." (Gaudete et Exsultate, n. 166);

b) Nem tudo o que parece bom é vontade de Deus. O que parece bom no momento pode nos afastar de Deus ou dos outros. "O discernimento é necessário não apenas em momentos extraordinários, mas em todas as circunstâncias da vida cotidiana... porque nem tudo o que brilha é ouro." (GE, n. 168);

c) Discernimento é caminho, não receita pronta. Não existem respostas automáticas para tudo. Deus nos convida a caminhar com Ele, passo a passo. "Muitas vezes o discernimento nos leva a sair da tranquilidade aparente para seguir o Senhor no meio das tempestades. O importante é nunca abandonar o diálogo com Ele." (GE, n. 173);

d) O Espírito Santo é quem guia o discernimento. Discernir bem é deixar-se guiar pelo Espírito Santo, não só pelas emoções ou opiniões. Por isso, é importante rezar, buscar conselhos e refletir à luz do Evangelho. "Sem a sabedoria do discernimento, podemos tornar-nos facilmente marionetes à mercê das modas do momento." (GE, n. 167).

A partir do discernimento, à luz da Palavra e na presença do Espírito, o agir cristão e a vida em comunidade tornam-se uma verdadeira liturgia. A partir dessa forma de culto, explicita-se o que é a vida no Espírito (Rm 8). A comunidade é a comunhão dos irmãos em Cristo (Rm 12,4). Pessoas unidas pelo Evangelho, com mentes renovadas, lutando por um mundo melhor para todos, superando tudo aquilo que desumaniza. Celebrar a vida a serviço da vida.

Na comunidade, **somos todos interdependentes.** Se uma parte sofre, o corpo todo sente. Se uma parte se alegra, o corpo inteiro se alegra. Ninguém caminha sozinho na fé. A força de um ajuda o outro a levantar, buscando sempre o crescimento de todos.

Em qualquer comunidade, há fortes e fracos, há aqueles que ainda não estão abertos à radicalidade da ação de Deus, aqueles que ainda estão presos às práticas religiosas ultrapassadas do judaísmo (Rm 14,1–15,13). Os fortes devem suportar a debilidade dos fracos (Rm 15,1), mas a fraqueza de alguns na comunidade não deveria ser empecilho à evangelização: é preciso viver não para si mesmo, mas para o Senhor (Rm 14,6–8).

Em resumo, a Carta nos aponta as **linhas mestras do agir cristão na comunidade**, que deve ser força de transformação para todos os espaços onde vivemos. Um amor sincero, sem hipocrisia, sem falsidades (Rm 12,9), **capaz de incluir a todos: "todos, todos, todos"**. Certos de que **o futuro nós o começamos a construir no presente**. Que sejamos capazes de abençoar os que nos perseguem, ser solidários com os que sofrem, viver em harmonia, fazendo o bem a todos, "não nos deixando vencer pelo mal, mas vencendo o mal pelo bem" (Rm 12,21). Assim, seremos **um em Cristo Jesus**.

APROFUNDAMENTO: **O que precisamos fazer para que a Palavra de Deus seja uma verdadeira força evangelizadora em nossa comunidade e paróquia? Dê exemplos.**

Cânticos Mês da Bíblia 2025

01. A esperança não decepciona **(Ré+ / Xote)**
L. e M.: Jakson Moreira – Tarumirim – MG

A esperança não decepciona / e Jesus Cristo convida pra missão. / O amor de Deus então é derramado / pelo Espírito em nosso coração.

1. A Palavra nos ensina tudo que devemos ser. / Orienta e nos anima ao chamado responder. / Quem reflete a Palavra, fonte da Revelação, / sabe bem que toda Bíblia é comunicação.
2. Hoje, Paulo comunica: é preciso esperançar! / Toda graça justifica pela fé, testemunhar. / Quem promove a justiça, fonte da libertação, / sabe bem que toda Bíblia é comunicação

02. "Peregrinos de Esperança!" **(Ré+ / Pop)**
L.: Pe. José Antônio- Matipo; M.: Alaine de Oliveira- D. Cavati- MG

1. Neste mundo onde enfrentamos / dor, violência, intolerância, / Deus espera que sejamos / portadores da Esperança.

"Peregrinos de Esperança", / mas do verbo "esperançar". / Quem espera nunca alcança, / se não busca e sem lutar.

2. Não nos cegue a indiferença, / chegue a nós do pobre a dor. / Quando a fé se faz presença / chega a eles nosso amor.

3. Semear a esperança, / proclamar a conversão, / cultivar a confiança: / para nós, isto é missão.

4. Falta, a muitos, a alegria / de viver e de sonhar; / mas a fé nos move e guia, / nos dá forças pra lutar.

5. Cresce em nós o desencanto / da política do bem, / a omissão dos bons, no entanto, / só ao grande e aos maus convém

03. Hino do Jubileu 2025 (Ré+ / Pop)

Versão Portuguesa: António Cartagenoa

Chama viva da minha esperança, / este canto suba para Ti! / Seio eterno de infinita vida, / no caminho eu confio em Ti!

1. Toda a língua, povo e nação / tua luz encontra na Palavra. / Os teus filhos, frágeis e dispersos / se reúnem no teu Filho amado.

2. Deus nos olha, terno e paciente: / nasce a aurora de um futuro novo. / Novos Céus, Terra feita nova: / passa os muros, 'Spirito de vida.

3. Ergue os olhos, move-te com o vento, / não te atrases: chega Deus, no tempo. / Jesus Cristo por ti se fez Homem: / aos milhares seguem o Caminho.

Oração para a Leitura da Bíblia

Ó Senhor Jesus Cristo, dignai-vos abrir os olhos do nosso coração, para que possamos ouvir a vossa Palavra, que possamos entender e colocar em prática a vossa vontade, pois somos "peregrinos de esperança".

Não escondais de nós os vossos mandamentos, mas abri os nossos olhos, para que possamos perceber as maravilhas da vossa Santa Palavra. Revelai-nos as coisas ocultas e secretas da vossa sabedoria.

Senhor, que a vossa Palavra seja verdadeiramente a alma de toda a vida da Igreja, a fonte que alimenta todas as pastorais e movimentos; que os grupos de reflexão e círculos bíblicos reforcem a Igreja doméstica, mantenham viva a Palavra de Deus em nossas comunidades e sejam uma fonte de animação bíblica da vida e da pastoral.

Que, a cada vez que nos achegarmos à vossa Palavra, possamos contemplar o vosso rosto e experimentar a alegria de um verdadeiro encontro convosco. Amém!